



7 - MARLY VASCONCELOS

MARLY VASCONCELOS

MARLY Sales VASCONCELOS, filha de José Ventura de Vasconcelos e de Maria Sales de Vasconcelos, nasceu em Fortaleza. Fez os primeiros estudos no Colégio da Imaculada Conceição, dirigido pelas Irmãs de Caridade, e no Colégio das Irmãs Dorotéias; cursou todo o secundário no Colégio São João. Bacharelou-se em Direito, pela Faculdade de Direito da UFC e, posteriormente, licenciou-se em Letras pelo Curso de Letras do Centro de Humanidades da UFC, no qual ministrou aulas de Literatura Brasileira e Literatura Infantil durante dois anos. Obras publicadas: *Água Insone* (1973) e *Cãtigua Proença* (1985), de poesia, e o romance *Coração de Areia* (1993), que ainda inédito mereceu Menção Honrosa do Prêmio Graciliano Ramos da União Brasileira de Escritores, do Rio de Janeiro (1990). Tem colaborado, ora com poemas ora com ficção (contos), em vários periódicos, como, além d'O Povo, a revista *Pássaro* (de cuja comissão editorial fez parte), a revista *Siriará*, pertencente ao grupo Siriara, fundado em 1979, do qual fez parte; *Nação Cariri*, *O Saco*, *Jornal de Cultura da UFC*, etc. Pertenceu ao grupo Seara, fundado em 1985, tendo feito parte da comissão editorial da sua revista, *Seara*. Participou de várias comissões julgadoras de concursos literários, com destaque para o Concurso de Poesia Maio Mulher e o Concurso de Contos Maio Mulher, do qual foi Coordenadora. Tem pronunciado palestras sobre literatura brasileira e literatura infantil, em Fortaleza e em Terezina, PI. Seu livro de estréia, *Água Insone*, que traz apresentação de Artur Eduardo Fenevides, mereceu do poeta Otacílio Colares (então ocupante da Cadeira nº 33 desta Academia) estas palavras consagradoras: "Sei que a prudência,

arma do crítico, estaria a indicar-me uma releitura, o amadurecimento da conceituação no tempo. Mas, no caso desse livro *Água Insone*, o que me ocorre não é o vezo frio e calculado do crítico; é o gesto do amante impenitente da Poesia que, logo à leitura do primeiro verso, sentiu que estava irremediavelmente mergulhado no limbo misterioso da mais pura e densa atmosfera mítica."

ALAZÃO

Na noite o cavalo se banha
com o cor do luar.

O tempo é puro,
A rosa é eterna.

O cavalo bebe águas
na paisagem noturna.

As margens das colinas se pergamam
e a brisa toca o crânio.

Incapaz de
conter a noite

o cavalo bebe

FRÁGIL ECO

Quando formos os futuros mortos
e deixarmos a voz do corpo em silêncio

interior a impressão de que

BALADA

A moça acena com um lenço
da mais fina cambraia.

Ai, tesouro antigo,
voz doce de serenata,
jamim, rosas, sempre-vivas,
trepedeira no sobretudo.

A moça acena com um lenço
da mais fina cambraia.

Sãos cobertos de seda
palidez no rosto clássico,
damélias presas nos dedos
fiam tecidos de prata.

A moça acena com um lenço
da mais fina cambraia.

A VELHA VARANDA

A velha varanda antiga e enferrujada
tem várias faces e âmagos.
Ninguém penetra em seu aroma sem flores
mas dela se recebe mansa sombra.

Já houve noite de silêncio nesta varanda sem nome
Já houve tempo de poetas nesta varanda de sonhos.

Descem bêbadas sombras frias e um dia se acabam
mas não se apaga nunca a velha varanda.

Feito passado e mancha.
Feito passado.

BALADA

A moça acena com um lenço
da mais fina cambraia.

Ai, realejo antigo,
voz doce de serenata,
jasmim, rosas, sempre-vivas,
trepadeira no sobrado.

A moça acena com um lenço
da mais fina cambraia.

Seios cobertos de seda
palidez no rosto clássico,
camélias presas nos dedos
fiam tecidos de prata.

A moça acena com um lenço
da mais fina cambraia.

Valsas de quinhentos dias
vão no pó se escondendo,
na casa-grande sozinha
vai a moça envelhecendo.

A moça acena com um lenço
e cambraia do passado

ESPREITA

A casa-grande assombrada.

ALAZÃO

Na noite o cavalo se banha
com a cor do luar.

O tempo é puro.
A rosa enfeite de santo.

O cavalo baba insônia
na paisagem noturna.

As margens das coisas se perguntam
e a brisa risca o orvalho.

Inesperado
contra a noite

o cavalo tomba.

FRÁGIL ECO

Quando formos os futuros mortos
e deixarmos um pouco de dor e lágrimas,
quando nossos gestos tornarem-se desconhecidos e parados,

teremos a impressão de que

somos os que foram à praia
os que leram jornais
os que telegrafaram e enviaram postais.
Ficaremos apagados
menos no cartório onde deixaremos alguns dados biográficos.

E na lousa onde teremos os nomes gravados.
Seremos bons, alegres, simpáticos
puros como o mármore,
para os que nos pisarão com seus sapatos.

GOLPE E ABRAÇO

o poema
terá a ferocidade do monstro de ontem, o vestido da esperança?
terá a agonia do parto, o sal do mar, o barro dos caminhos?
terá o medo espesso dos suicidas e o corpo da madrugada?
terá a lava dos vulcões não extintos e buscará o materno leite que
nutre o artista?

FUGA E NAUFRÁGIO

Difícil fazer um poema buscando palavras que outros disseram
e que pareçam inventadas.
Difícil fazer um poema que não traga sonolência,
difícil mais que o cantar.
Difícil fazer um poema precursor de coisas ternas
como um regresso que não foi interrogado.
Difícil fazer um poema sem agonias e mortes
no espelho do papel.
Difícil fazer um poema como as rosas que se abrem
e não temem o morrer.
Difícil é a origem do poema mais que inédito,
enigma que se adentra na noite subterrânea.

Difícil é o poema voluntário e conseqüente
sem o primitivismo dos erros que se avolumam
e naufragam
e caem
e se espedaçam.

ESPREITA

Olhos me alcançam.
Olhos me ferem.
Pesam meus ombros, minha boca calada,
meu pulso que escreve
e sinto que os homens iguais a mim
também sentem os mesmos olhos
sem corpo e sem rosto,
secos, tristes, bastardos.
Não é um sonho nem uma sensibilidade exagerada.
Os olhos existem, alcançam, ferem,
transmitem aqui e ali
sem dizerem nada.

QUANDO

quando o tropel lavar a estrada, um coração queimar velhos
cadernos, um engenheiro aprender a contrução dos ninhos
quando um bazar for realmente doce brinquedo, um campo trazer
mel da abelha, um girassol tirar do vento a tristeza da viagem
quando a volta pedir mais que o retrato, a brisa e a fazenda
costurarem a doçura do leite, um violão cantar a nobreza do beijo
quando uma novela servir para ensinar à pedra, um sapo puder
dizer da fábrica e do ofício, uma gaveta calar dentro da caixa a vida
quando o amado esquecer o eterno egoísmo, uma mulher soprar
ternura na poeira do medo, um código circular no heroísmo do
peixe
quando o tempo disser do perfil da primeira clareira, um limite partir

a hostilidade do grito, a covardia fugir com o desespero

a serragem na casa das máquinas alguma coisa terá feito.

TRÊS ARABESCOS

Não tenho compromisso com nenhuma porta
(sigo no eco que desfia os cabelos do vento).

Não tenho o encontro da praia, o salário dos abraços
(busco sinos e cantos no crepúsculo que se apaga).

Não tenho susto no braço mas sou vestida de lágrimas
e choro, choro o poema que tem a sede da água.

CARRILHÃO

cuidado com a sala que foi de novo pintada
cuidado com a cadeira que tem a perna quebrada
cuidado com a mesa que tem o caldo entornado
cuidado com os insetos que se escondem no colchão
cuidado com a roseira que está caída no chão
cuidado com teus retratos que outros levarão
cuidado com o que escreve ou perderás a canção
cuidado com a verdade dos que te apertam a mão.

MADRIGAL

a casa antiga
nasceu em maio

seu rosto era uma forma frágil
seu corpo paredes de amizade

a casa antiga
nasceu sem enigmas

o vento soprava nos cômodos a falta da varanda
e o silêncio sem cor da porta branca

a casa antiga
num maio longínquo.

De *Água Insone* (1973).

HORÁCIO DÍDAMO